

LAURA NOWLIN

Se  
eu  
lhe  
tivesse  
dito

IF ONLY I HAD TOLD HER

TRADUÇÃO DE FÁTIMA ANDRADE

 PRESENÇA

## FICHA TÉCNICA

Título: *Se Eu Lhe Tivesse Dito*

Título original: *If Only I Had Told Her*

Autora: *Laura Nowlin*

Copyright © Laura Nowlin, 2023

Edição original publicada por Sourcebooks

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2024

Tradução: *Fátima Andrade*

Revisão: *Raquel Cabrita/Editorial Presença*

Design da capa: *Elsie Lyons*

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

1.ª edição, Lisboa, julho, 2024

Depósito legal n.º 532 346/24

Reservados todos os direitos  
para a língua portuguesa (exceto Brasil) à  
EDITORIAL PRESENÇA  
Estrada das Palmeiras, 59  
Queluz de Baixo  
2730-132 Barcarena  
info@presenca.pt  
www.presenca.pt

*Este livro é dedicado à memória de Aliksir Dragoman Jaan  
e em honra de todos os pais cujos filhos vivem nos seus corações.*



## NOTA DA AUTORA

No inverno de 2009, o meu marido foi dar comigo a chorar em cima do meu *IBM ThinkPad* em segunda mão. Ajoelhou-se à minha frente no meu «escritório» (um parapeito de janela fundo no nosso minúsculo estúdio, que eu reivindicara como secretária) e eu disse-lhe, entre soluços:

«Tenho de deixar o Finny morrer na minha cabeça!»

Enquanto fazia o primeiro rascunho da narrativa de Autumn em *Se Ele Estivesse Comigo*, fui trabalhando o ponto de vista de Finn dentro de mim e sentia todos os seus pensamentos e paixão. Cheguei mesmo a escrever uma página e meia da história de Finn. Quando o meu marido me encontrou a chorar, eu tinha acabado de compreender que teria de eliminar essas páginas. Não tinha agente, não tinha quaisquer perspectivas literárias; não podia escrever todo um novo romance do ponto de vista dele quando seria bem mais útil dedicar a minha energia a rever o romance que já estava escrito, do ponto de vista de Autumn. Portanto enxuguei as lágrimas e concentrei-me em zelar para que a história de Autumn fosse o melhor que podia ser. Deixei que a voz de Finny se desvanecesse. Deixei-o morrer de novo dentro de mim.

Ao longo dos anos, muitos leitores pediram a história vista por Finny, e eu respondia-lhes sempre: «Lamento, ele morreu; não posso ressuscitá-lo.» E era verdade. Não tinha esse poder. Mas a Gina Rogers tinha.

Não tencionava ouvir o audiolivro. A ideia de ouvir as minhas palavras na boca de outra pessoa aterrorizava-me. Mas então a Gina enviou-me uma mensagem, a pedir para lhe enviar os meus comentários caso alguma vez o ouvisse, mesmo que esses comentários fossem negativos, pois ela também era uma artista em busca de um ideal. Fiquei tão tocada pelos seus sentimentos e dedicação à sua arte que resolvi tentar ouvir.

Assim que ouvi a Gina, no papel de Finny, a dizer «Olá» a Autumn na paragem da camioneta, senti-o a agitar-se dentro de mim. Antes ainda do fim do áudio, o Finny estava vivo e, caro leitor, estava furioso comigo. Não por o ter matado, pois ele compreendia que eu tinha de tornar *Se Ele Estivesse Comigo* a melhor história possível, mas porque tinha algumas coisas para dizer, alguns pontos que queria clarificar. Dada a sua miraculosa ressurreição, o seu pedido parecia razoável, e fui obrigada a deixá-lo tomar finalmente a palavra.

Portanto, perdoem-me se alguma vez vos jurei que este livro jamais existiria. Nessa altura, acreditava nisso do fundo do meu coração de artista.

Mas, às vezes, a vida é assim, e isso é uma coisa boa.

## AVISO SOBRE O CONTEÚDO

Esta obra inclui descrições de morte, depressão, suicídio e gravidez.

Se o leitor ou alguém seu conhecido estiver a debater-se com perturbações de saúde mental ou em crise, peça ajuda.

SOS Voz Amiga — Linha de apoio emocional e prevenção ao suicídio:  
213 544 545 / 912 802 669 / 963 524 660 (diariamente das 15h30  
às 00h30)



## UM

Dormir ao lado da Autumn é um terror. Ela fala, esperneia, apodera-se dos cobertores, usa-nos como almofada. As histórias que eu podia contar se tivesse alguém a quem o fazer. A Autumn mostra uma vergonha incharacterística acerca do seu caos noturno; é uma das suas excentricidades pela qual não tolera nem o mais ínfimo bocadinho de troça. As nossas mães, «as Mães», como a Autumn começou a chamar-lhes quando éramos pequenos, têm as suas próprias histórias das calamidades noturnas da Autumn, e o olhar que ela lhes dirige é o suficiente para me impedir de partilhar as minhas recordações de infância sobre o seu sono violento e irrequieto quando ia passar a noite a minha casa.

Este verão descobri exatamente até que ponto ela não mudou. No outro dia, adormeceu a ver-me jogar videogames. Eu tinha acabado, finalmente, finalmente, de fazer um salto cronometrado específico, quando ela esticou o braço para cima do meu colo, fazendo com que a minha personagem caísse e morresse. Tirei suavemente a mão dela de cima de mim e desviei-me alguns centímetros, mas não muito. Não lhe disse nada quando ela acordou; ela responderia com algo acerca de passar a ir para casa quando começasse a ficar cansada, e eu preferia abandonar todos os meus jogos a perder um só minuto do que quer que estava a acontecer entre nós desde que o Jamie acabara com ela.

Foi por esse motivo que tive o cuidado de me meter entre ela e o Jack a noite passada. Era evidente que íamos ficar a dormir em minha casa e senti que era meu dever ser eu a aguentar os golpes dela.

Tenho de confessar: tinha esperança de que acontecesse algo deste género.

Foram os dedos dela a torcer-se contra as minhas costelas que me acordaram.

A tia Claire tem razão: a Autumn agora ressona. Quando éramos crianças, não o fazia. Eu tinha acreditado nela quando afirmara, uma e outra vez, que a mãe estava a brincar.

Mas aqui estamos, nesta tenda de mantas que eu fiz para ela, com a sua cabeça aconchegada no meu braço. A Autumn está de lado, enrolada numa bola, a ressonar, ainda que não muito alto. A sua respiração sai em pequenos jatos quentes.

Depois de o Jack ter adormecido ontem à noite, a Autumn e eu ficámos acordados, a conversar, durante um bocado. Ela estava a cabecear, mas eu ainda não queria prescindir dela, pelo que mantive a conversa até ela dizer: «Chiu, Finny. Tenho de me concentrar em varrer.»

Virei o rosto e, na escuridão, vi os seus olhos fechados, a sua respiração suave.

— Estás a dormir?

Ela franziu o sobrolho.

— Não. Não me estás a ver com a vassoura? Está tudo tão desarrumado aqui dentro.

— Onde estás? — perguntei.

— Oh, sabes... na sala... entre...

— Entre o quê?

— Hã?

— A sala entre o quê, Autumn?

— Fingimento e realidade. Ajuda-me. Está toda desarrumada.

— Porque é que está desarrumada? — perguntei, mas ela não me respondeu.

Adormeci mais ou menos na mesma posição em que estou agora, deitado de costas, a olhar para a manta acima de nós. Lembro-me de esticar o braço por cima da cabeça, vagamente consciente da maneira como a Autumn se mexia e murmurava a poucos centímetros de mim, presumivelmente a arrumar o espaço entre este mundo e o próximo. Não nos tocávamos, mas era como se os átomos que nos separavam irradiassem o calor do meu amor por ela.

A meio da noite, acordei quando ela me bateu na cara. Afastei-lhe a mão e virei a cabeça para ela. Estava perto, mas sem me tocar, com os cobertores amarfanhados na outra mão e aquela que me atingira a repousar entre nós. Forcei-me a desviar o rosto, a fechar os olhos e a retomar o sono.

Mas agora...